



EMOÇÕES, ARTES E INTERVENÇÃO

ABORDAGENS COLABORATIVAS E PARTICIPAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCATIVOS

Jenny Sousa
Maria João Santos
Lúcia Grave Magueta
Maria de São Pedro Lopes
Leonel Brites
Coord.

EMOÇÕES, ARTES E INTERVENÇÃO

EMOÇÕES, ARTES E INTERVENÇÃO — ABORDAGENS COLABORATIVAS E PARTICIPAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCATIVOS

COORDENADORES

Jenny Sousa (CICS.NOVA, IPLeiria, CI&DEI, ESECS, Politécnico de Leiria)

Maria João Santos (CI&DEI, ESECS, Politécnico de Leiria, CIEC)

Lúcia Grave Magueta (CI&DEI, ESECS, Politécnico de Leiria)

Maria de São Pedro Lopes (CI&DEI, ESECS, Politécnico de Leiria)

Leonel Brites (ESECS, Politécnico de Leiria, CEIS20 – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX)

Todos os direitos reservados

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Avenida Emídio Navarro, 81, 3D – 3000-151 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901

www.almedina.net · editora@almedina.net

REVISÃO

Maria Lobo

REVISÃO CIENTÍFICA

Esta edição foi sujeita a revisão científica por pares:

Luis Barbeiro (ESECS – Instituto Politécnico de Leiria); Eva Navarro (Universidad de Valladolid); Ana Maria Porto Castro (Departamento de Pedagogia e Didática – Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Santiago de Compostela); Graça Seco (ESECS -Instituto Politécnico de Leiria); Maria José Gamboa (ESECS -Instituto Politécnico de Leiria);

Susana Custódio (ESSLei – Instituto Politécnico de Leiria); Inês Conde (ESECS -Instituto Politécnico de Leiria); Catarina Menezes (ESECS -Instituto Politécnico de Leiria); Teresa Mendes (ESE – Instituto Politécnico de Portalegre); Sílvia Pinto (ESECS – Instituto Politécnico de Leiria); Dina Alves (ESECS -Instituto Politécnico de Leiria)

CAPA

Leonel Brites

PAGINAÇÃO

João Jegundo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Europress - Indústria Gráfica

outubro 2024

DEPÓSITO LEGAL

538756/24

ISBN

978-989-40-2261-9

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref^o UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Leiria pelo apoio prestado.



Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infrator.



GRUPOALMEDINA

**EMOÇÕES, ARTES
E INTERVENÇÃO
ABORDAGENS
COLABORATIVAS
E PARTICIPAÇÃO
EM ESPAÇOS
EDUCATIVOS**

**Jenny Sousa
Maria João Santos
Lúcia Grave Magueta
Maria de São Pedro Lopes
Leonel Brites
Coord.**

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA	11
NUEVAS CORPOREIDADES EN LA VEJEZ — UNA MIRADA A TRAVÉS DE LA DANZA CREATIVA EN EL CONVENTO	13
<i>Maria Fernanda Motato Valência / Sandrina Milhano / Clara Leão</i>	
ATOS E AFECTOS — ELEMENTOS FORMATIVOS NA EDUCAÇÃO MUSICAL	27
<i>Ana Judite de Oliveira Medeiros</i>	
A RELAÇÃO PESSOAL COM A ESCRITA COMO PERSPETIVA INTEGRADORA DAS VIVÊNCIAS PESSOAIS E ACADÉMICAS COM A LÍNGUA	39
<i>Inês Cardoso / André Matias</i>	
CADERNOS DE ARTISTA — REPERTÓRIOS, SIGNOS E SIGNIFICADOS CULTURAIS	67
<i>Lúcia Grave Magueta / William Cantú / Jenny Gil Sousa</i>	
A LITERATURA PARA A INFÂNCIA COMO ARTE E EMOÇÃO — EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO EM CONTEXTOS TRANSVERSAIS	83
<i>Cristina Nobre</i>	

BRINCAR COM OS SONS — UMA VIAGEM FONOLÓGICA NO JARDIM DE INFÂNCIA.....	99
<i>Rita Simas Bonança</i>	
COMPOSIÇÕES DE APRENDIZAGEM NO PRÉ-ESCOLAR — O BRINQUEDO, O LIVRO E O REAL.....	119
<i>Leandra Cordeiro / Telma Sousa / Bárbara Martinho</i>	
<i>Filipa Marques / Conceição Mendes</i>	
PERCEÇÃO DO IMPACTE DO PROGRAMA UBUNTU EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR.....	135
<i>Carolina Miguel da Graça Henriques / Patrícia Carina Domingues Frade</i>	
AS CRIANÇAS DEVEM SER OUVIDAS — ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO ATIVA DAS CRIANÇAS NUM PROJETO ESCOLAR	155
<i>Sara Margarida Rufino Santos Henriques / Maria João Sousa Santos</i>	
EM TORNO DO IMAGINÁRIO «DO LAPEDO A SANTA EUFÉMIA» — EXPERIÊNCIAS CRIATIVAS COM A COMUNIDADE.....	177
<i>Sofia Teixeira / Sandrina Milhano / Clara Leão</i>	
TEMPO SEM TEMPO — A ARTE COMO FORMA DE SENTIR, PENSAR E CAMINHAR EM INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA.....	191
<i>Mariana Craveiro / Irene Cortesão</i>	
ARTE, EDUCAÇÃO E EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES — PROJETO DE ANIMAÇÃO LEITORA NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR	211
<i>Fabiana Silva / Catarina Mangas</i>	
ROLE-PLAY E BEM-ESTAR PSICOLÓGICO NO ENSINO SUPERIOR — RELATO DE EXPERIÊNCIA EDUCATIVA	229
<i>Rute F. Meneses</i>	
O TRABALHO CORAL AMADOR — A LIDERANÇA COMO ESTRATÉGIA PSICOSSOCIAL.....	245
<i>Pedro Razzante Vaccari</i>	

ÍNDICE

A ARTETERAPIA NO LUTO E NOS CUIDADOS PALIATIVOS	263
<i>Graça Duarte / Telma Alves</i>	
DIÁLOGOS INTERTEXTUAIS NAS ARTES — PERCURSOS DE MEDIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO BÁSICO.....	283
<i>Pedro Balau Custódio</i>	
COLABORAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM ESPAÇOS EDUCATIVOS NÃO ESCOLARES — O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR NO BRASIL.....	301
<i>Eliana Perez Gonçalves de Moura</i>	

CADERNOS DE ARTISTA — REPERTÓRIOS, SIGNOS E SIGNIFICADOS CULTURAIS

Lúcia Grave Magueta

ESECS, CI&DEI, Instituto Politécnico de Leiria

William Cantú

ESECS, CEAUL — Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa,
CI&DEI, Instituto Politécnico de Leiria

Jenny Gil Sousa

ESECS, CICS.NOVA.IPLeiria, CI&DEI, CLLC, Politécnico de Leiria

Resumo: Este texto apresenta uma experiência formativa no âmbito das Artes Visuais, realizada no ensino superior num curso de formação de profissionais de educação. A proposta colocada aos estudantes incidiu sobre a realização de «cadernos de artista», nos quais os estudantes foram desafiados a realizar composições visuais, num exercício de pesquisa, criatividade e expressão individual. Foram estudados os produtos que resultaram deste projeto, procurando responder às questões: «O que foi representado nos cadernos de artista?» e «Que significados transportam as páginas/imagens produzidas artisticamente pelos estudantes?», fazendo sobressair também o seu valor formativo. A análise considerou os três níveis propostos por Panofsky (2007) e descreve características encontradas na globalidade dos trabalhos. As conclusões explicitam como o exercício permitiu aos estudantes, futuros profissionais de educação, compreender etapas de um processo criativo em situação de ensino e aprendizagem das Artes.

Palavras-chave: Caderno de Artista; Formação de Professores; Linguagem Plástica; Cultura Visual.

Introdução

Este trabalho pretende descrever uma experiência de formação vivenciada por estudantes do ensino superior, futuros profissionais da área de educação, referente ao processo artístico e seus resultados. Nesta experiência, realizada num contexto de formação docente para as artes visuais, foi proposta a construção de um «caderno de artista» — ou um «livro de artista», «livro-objeto», «obra-livro», «livro alterado» ou «livro de arte» (Silveira, 2008; Derdyk, 2012; Veneroso, 2023).

Ao estudar os resultados desta experiência, descrevendo e analisando aspetos do seu processo de desenvolvimento e os objetos que resultaram da mesma, perspetivou-se conhecer o seu valor formativo, determinando que conhecimento permitiu construir relativamente a conteúdos específicos das artes visuais, a saberes didáticos, e ao desenvolvimento da sensibilidade estética e do pensamento crítico. Procurou-se ainda, com a análise dos cadernos de artista — nos quais os estudantes foram desafiados a representar ideias e emoções, expressando e comunicando visualmente aspetos da sua realidade — caracterizar os trabalhos de criação plástica e descrever repertórios, signos e significados culturais representados nas suas composições visuais.

Bahia (2009) fala-nos dos aspetos considerados essenciais para a formação de professores que trabalham nas áreas artísticas, destacando a «estética», o «pensamento crítico» e a «expressão criativa». A abordagem seguida no contexto em que se realizou a experiência de formação também se identifica com o que propõe esta autora, na medida em que promove o desenvolvimento da sensibilidade estética — ao incorporar nas práticas a aproximação à obra de arte, a compreensão e a discussão em torno de diferentes referências artísticas, e experiências que permitem ao estudante refletir sobre a essência da arte nas múltiplas formas em que se materializa; igualmente, promove a «crítica», privilegiando a discussão e a «rejeição da formatação» (Bahia, 2009, p.107), conduzindo os estudantes a que formulem as suas próprias ideias acerca do que os rodeia; e também desenvolve a expressão criativa, através de propostas que incluem processos de observação e de geração de ideias, e, ainda, a criação de produtos expressivos e comunicativos individuais e autênticos.

Picasso, ao referir que «o artista é um receptáculo de emoções que vêm de qualquer lugar: do céu, da terra, de um pedaço de papel, de uma sombra passageira ou de uma teia de aranha», demonstra como o ato artístico pode começar numa emoção. A expressão de ideias e emoções, experimentando livremente técnicas, materiais e formas de compor visualmente, resumem o que foi proposto aos estudantes ao realizarem os seus «cadernos de artista».

O «caderno de artista» enquanto instrumento pedagógico

Em conceito, os «cadernos de artista» ou «livros de artista» cabem na definição de Veneroso e Cadôr (2012, p. 5) como «livros que consideram o livro na sua estrutura física, como um meio para expressar experiência de espaço, tempo, movimento, sensações, materiais e signos, além de imagens e palavras». Também Regatão (2020, p. 218) refere que «Sem se restringir às regras do livro tradicional, de cariz narrativo e sequencial, o livro de artista apresenta, muitas vezes, a forma de um objeto estético, manipulável e interativo». Na apresentação do conceito, este autor sublinha o carácter experimental de possibilidades criativas com diferentes técnicas e materiais que o autor pode reunir num único objeto estético ao referir que o livro de artista é «um espaço experimental por excelência, onde é possível explorar diferentes técnicas e meios expressivos, funcionando como um laboratório para testar linguagens ideográficas e simbólicas» (Regatão, 2020, p. 218).

Cadôr (2012) lembra os *Libri illeggibili* de Bruno Munari, que eram artefactos de pesquisa e de exploração de princípios de comunicação visual, que recorriam a diferentes texturas, espessuras e formatos das páginas. Com os «livros ilegíveis», Munari mostrou como o livro pode ter outras formas de comunicar para além do texto. Também Raymundo Colares inovou com a criação dos livros-objeto, denominados por *Gibis*, e que ofereciam ao utilizador a experiência de manusear as folhas, explorando dobragens e cores (Cadôr, 2012). Em ambos os exemplos, cruzavam-se as criações do artista, designer e ilustrador, e procurava-se proporcionar uma experiência que estimulasse a criatividade do «leitor».

O livro de artista não tem de corresponder ao formato tradicional de um livro. Este objeto «não precisa ser um livro, bastando ser a ele referente,

mesmo que remotamente» (Silveira, 2008, p. 26). O trabalho de Regatão (2020) relata a realização de livros de artista como proposta didática numa disciplina de Desenho num contexto de ensino superior e apresenta o modo como os estudantes se basearam em referências artísticas e criaram livros em formatos diversos e intrinsecamente ligados a propósitos estéticos distintos. Nas conclusões deste processo, salienta que o livro de artista é um «instrumento pedagógico de grande interesse para o ensino do desenho, na medida em que permite uma exploração de diversas técnicas e suportes, com evidentes potencialidades expressivas» e que promoveu a «exploração da dimensão metafórica, simbólica e poética da arte» (Regatão, 2020, p. 229). Pergher *et al.* (2023) também descrevem uma proposta educativa em que utilizaram como suportes de criação plástica livros que uma biblioteca tinha para «descarte», seguindo processos criativos semelhantes aos dos artistas plásticos Kyra Clegg, William Kentridge e Ekaterina Panikanova. Na sua opinião, utilizando-os como suporte para a criação artística, dá-se uma sobrevida ao livro, que mantém a sua função: «Os livros continuam servindo como receptáculos de conhecimento; agora, porém, através de recursos plásticos, não necessariamente verbais» (Pergher *et al.*, 2023, p. 4). No final da experiência, os autores concluíram que os estudantes, para além de atribuírem uma ressignificação funcional ao livro, também conheceram novas possibilidades de pensarem na criação artística.

Metodologia

O estudo

Neste trabalho foi seguida uma metodologia de estudo de caso que, em certa medida, se aproxima também da *Arts-Based Research (ABR)*, sendo esta um tipo de investigação de orientação qualitativa que utiliza procedimentos artísticos para a pesquisa e que incide sobre as práticas de diferentes sujeitos e sobre as suas experiências, estudando aspetos que não são visíveis noutros tipos de investigação (Hernandez, 2008). Tal como refere Charréu (2019, p. 91), «A(s) arte(s), nas suas manifestações mais diversas, é(são) o(s) dado(s) de toda a investigação que se considera ‘artística’ nos

seus princípios e nos seus modos. As Metodologias Artísticas de Investigação distintivamente produzem dados, não recolhem dados». O estudo das práticas artísticas desenvolvidas incidiu sobre as composições visuais produzidas pelos estudantes nos seus cadernos de artista e, num espaço de abertura interpretativa, pretendeu fazer uma análise iconológica e sónica considerando diferentes níveis, como a identificação e descrição de formas, a sua natureza artística, a identificação de signos e uma compreensão dos seus significados e a caracterização do seu conteúdo e qualidades expressivas.

Os estudantes envolvidos frequentam um curso de licenciatura na área da Educação e desenvolvem conhecimentos nas áreas da docência, da formação educacional geral e das didáticas específicas em Matemática, Estudo do Meio Físico e Social, Língua Portuguesa e Expressões Artísticas, sendo este curso a base da formação de educadores e professores que atuam em contextos educativos para crianças dos zero aos 12 anos. A experiência de formação aconteceu no contexto de uma unidade curricular de Expressão Plástica e o grupo de estudantes que a realizou tinha um total de 98 elementos, jovens com idades que, predominantemente, oscilam entre os 19 e os 23 anos. Uma vez que o *corpus* de dados era demasiado extenso, procurou-se fazer uma análise global aos cadernos de artista, procurando apreender o seu conteúdo de modo a responder às questões: «O que foi representado nos cadernos de artista?» e «Que significados transportam as páginas/imagens produzidas artisticamente pelos estudantes?».

A análise ao conteúdo dos cadernos seguiu a abordagem proposta por Erwin Panofsky para a análise interpretativa de obras artísticas. Assim sendo, fez-se o exercício de relacionar os trabalhos produzidos pelos estudantes com os três níveis de compreensão propostos por Panofsky (2007, p. 64) — «tema primário ou natural», relativo a uma descrição das formas e de ações representadas, sendo esta uma descrição pré-iconográfica, «o mundo dos motivos artísticos»; «tema secundário ou convencional», relativo aos assuntos e conceitos representados, sendo esta uma descrição iconográfica, «o mundo das imagens, estórias e alegorias»; e «significado intrínseco ou conteúdo» (também designado por «terciário ou intrínseco»), sendo este relativo «ao mundo dos valores simbólicos» do que está representado, explicando o autor que são «o objeto do que se poderia designar por “iconologia” em oposição à “iconografia”» (Panofsky, 2007, p.53).

Desenvolvimento da experiência artística

Foi solicitado que os estudantes adquirissem um caderno de tamanho A5 e que o mesmo estivesse em sua posse durante todo o semestre. O caderno serviria como um local de reflexão, de expressão momentânea, de experimentação livre, onde a imaginação, a vontade e o entusiasmo seriam os motores para a criação livre de imagens e representações visuais. Não houve limitações em relação aos materiais que poderiam ser utilizados, sendo permitido explorar meios mais tradicionais de representação (lápiz, marcadores, tintas, entre outros) ou materiais mais inusitados, como a colagem de objetos variados e artefactos do quotidiano nas páginas. Este processo de criação livre foi acompanhado semanalmente pelo professor com *feedbacks* contínuos, articulação de conceitos operacionais e a exploração de técnicas. A utilização do recurso Pinterest também teve lugar, servindo como espaço de referências visuais, de imagens e vídeos, tendo o mesmo a curadoria do professor. A utilização do Pinterest permitiu utilizar imagens como indutores/estímulo/inspiração para as várias criações dos estudantes. As linhas orientadoras apresentadas no momento inicial do exercício foram as seguintes:

- a) Manter a consistência na utilização do caderno, procurando ter um trabalho diário de pesquisa e de representação diária;
- b) Observar tudo ao redor e procurar encontrar detalhes, cores, texturas ou formas inusitadas e que normalmente passariam despercebidas;
- c) Experimentar técnicas e materiais diferenciados que estimulassem a criatividade individual;
- d) Pensar no caderno como um espaço de narrativa e descrição das rotinas, onde pequenas anotações, datas e localizações poderiam estar presentes como forma de contextualizar as representações visuais;
- e) Não se preocupar com a «perfeição» ou a «aprovação do outro», pois o caderno seria um objeto de experiências e de desenvolvimento das habilidades artísticas, criativas e de expressão individual.

O enunciado apresentado procurou estimular o pensamento divergente e ter transferibilidade para os futuros contextos profissionais dos estudantes na

área da Educação Artística e, especificamente, no domínio das Artes Visuais. As ações propostas, que remetem para a observação, para a pesquisa, recolha e organização de elementos, e sua seleção tendo em vista um fim comunicativo, são interdisciplinares, e aproximam-se do que é proposto por Smith (2011) na sua obra *How to Be an Explorer of the World: Portable Art Life Museum*.

Figura 1 — Cadernos de artista — Páginas representativas da diversidade de técnicas e materiais



As páginas dos «cadernos de artista» resultaram em composições visuais com aplicação de técnicas e combinações de diferentes meios de expressão: desenho, pintura com materiais convencionais e não convencionais; colagem de elementos bidimensionais (fotografias, desenhos, material impresso, selos, rótulos, entre outros), fotomontagem, desenho de letras (criação de letras e arranjos visuais de palavras), estampagem, monotipia, dobragens, formas costuradas/bordadas, colagens polimatéricas em volume (elementos naturais, *quilling*, fios, elementos indiferenciados), «materiais pré-existentes», conforme designação de Veneroso (2023) para fragmentos de papéis artesanais, desenhos, pinturas, resgatados a composições visuais antigas e já existentes na sala-laboratório de expressão plástica (ver exemplos representados na Figura 1). Em alguns foi explorada a tridimensionalidade, criando soluções *pop-up*, através da construção de mecanismos e encaixes que se acionam por si quando o livro é folheado. Cada estudante realizou um caderno com cerca de 70 composições visuais — algumas a ocupar uma única página e outras a ocupar duas páginas; algumas composições ocupam várias páginas funcionando com formas vazadas.

Resultados

Analisando o conjunto de «cadernos de artista», conclui-se que os mesmos foram uma ferramenta de expressão artística que promoveu a criatividade, a observação e o desenvolvimento contínuo dos estudantes no período em que decorreu a unidade curricular. Este projeto, para além de desenvolver as habilidades técnicas dos estudantes, também proporcionou uma nova forma de interagir com a arte, a expressão plástica, elementos da cultura, e a expressão individual. Cada página do caderno tornou-se um espaço para representar vivências, permitindo uma exploração visual individual. A experimentação com diferentes técnicas e materiais foi uma parte importante do projeto, resultando em descobertas importantes sobre preferências e habilidades artísticas. A prática de representação visual contínua não só enriqueceu o conteúdo de cada trabalho, mas também criou um registo detalhado e pessoal das experiências e reflexões.

O caderno tornou-se um espaço seguro para a experiência artística. Os diferentes trabalhos mostram a exploração de formas, materiais, texturas e cor, e «sendo as aparências dos objetos carregadas de significados, isso quer dizer que todo artefacto material é também comunicação, informação, signo» (Cardoso, 2012, p. 59). Ao manusear cada livro, «leem-se» composições visuais com elementos figurativos, elementos abstratos e textos-imagens.

Fazendo uma observação de algumas dezenas de composições, importou caracterizar de que modo os autores — estudantes e futuros profissionais de educação — construíram formas imagéticas para expressar e comunicar ideias e, também, emoções, entendendo que «a imagem “comunica algo” e que este “comunicar algo” passa a constituir a mensagem visual da imagem» (Braga, 2010, p. 155). Este autor alude a Langer (1957), para referir que as formas visuais, ao contrário das discursivas, têm uma estrutura simbólica que lhes permite expressar conteúdos que não são articuláveis discursivamente, o que sublinha a pertinência da interpretação dos trabalhos apresentados. Tal como foi referido anteriormente, procurou-se responder às questões «O que foi representado nos cadernos de artista?» e «Que significados transportam as páginas/imagens produzidas artisticamente pelos estudantes?». Para tal, encontrou-se sentido na categorização proposta por Panofsky (2007) para fazer a caracterização geral do conteúdo dos cadernos. Assim sendo,

apresentam-se em seguida descrições relativas aos níveis «primário ou natural», «secundário ou convencional» e «terciário ou intrínseco».

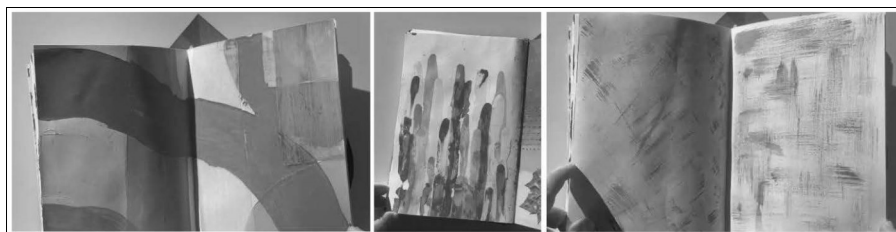
Nível primário ou natural

Conforme foi referido anteriormente, ao manusear cada livro, identificam-se composições visuais com elementos figurativos, elementos abstratos e textos-imagens. Fazendo referência a elementos figurativos presentes, representados através do desenho/pintura ou colagens, enumeram-se a título de exemplo, por serem muito frequentes em grande número de cadernos, os seguintes elementos: mão, rosto e elementos isolados (olho, boca), flor, borboleta, coração, sol, estrela, folha de árvore, corpo feminino, corpo masculino, porta, barco, casa, peixe, mar, árvore, pássaro, lágrima, cavalo, cidade, janela, balão, farol, puzzle, nuvem, arco-íris, livro, relógio, chávena de café, caminho, palavras, envelope, selo, rótulo, logótipos, letras isoladas (inicial do nome), letras muito elaboradas graficamente (imitando a iluminura, com estilo gótico, ou *tag* de um graffiti), *emoticons*, figuras do universo da banda desenhada e desenhos animados, como por exemplo figuras da Disney (ver Figura 2).

Figura 2 — Páginas de cadernos de artista — elementos figurativos



Figura 3 — Páginas de cadernos de artista — exemplos de elementos abstratos

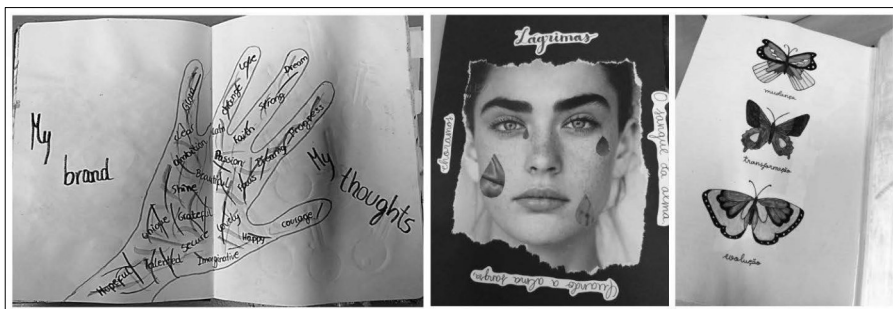


Os elementos abstratos preenchem páginas, circundam ou preenchem formas (ver exemplos representados na Figura 3) — em geral, são variações de linha, ponto, figuras geometrizadas e mancha de cor (algumas apenas com experiências de «técnica pela técnica», como estampagem, *dripping*, tingimento, pintura soprada, borrão simétrico, entre outras), e páginas preenchidas com *zentangle* (grafismos criando padrões).

Nível secundário ou convencional

São muitas as composições que colocam em diálogo texto e imagem (ver exemplos representados na Figura 4). Nas palavras de Veneroso (2023, p. 84), «quando palavras e imagens dialogam, o elemento visual funde-se conceitual e visualmente com as palavras». A configuração do texto, neste caso, perde o seu «rigor conceptual» e «objetividade interna», trazendo antes uma «expressividade lírica» e «individualidade estética» (Braga, 2010, p. 164). O texto pode ser «lido», mas também «visto», pois assume um caráter imagético. Assim, «palavras e imagens se confundem, pois, a palavra, que não pode mais ser lida, transforma-se também em imagem» (Veneroso, 2023, p. 96). Nos cadernos identificaram-se elementos textuais relativos a experiências vividas, sendo nomeadas algumas emoções como a tristeza, a insegurança, a confusão ou o medo, mas também provérbios, máximas e pensamentos de autores (escritores, filósofos, artistas, pedagogos), poemas e letras de canções.

Figura 4 — Páginas de cadernos de artista — o diálogo entre texto e imagem



É possível identificar também elementos que decorrem do consumo visual dos seus autores — logótipos de marcas (McDonald's, Kinder, Lipton, Kit Kat); elementos de banda desenhada e filmes de animação (figuras da

Disney, *The Powerpuff Girls*, filme *Up*, *Alice no País das Maravilhas*, entre outros); imagens de atores/atrizes, jogadores de futebol, recortes de revistas de moda (ver exemplos representados na Figura 5). São muitas as representações de elementos infantis estereotipados — casa, sol, estrela, animais (como o cão, gato, caracol ou borboleta) ou «bonecos» que representam elementos imaginários do universo infantil (como a fada, o dinossauro ou flores e objetos antropomorfizados). As páginas com este tipo de elementos parecem ter menor carga expressiva, pois assentam muito na reprodução de elementos já existentes e não criados pelos autores do caderno, mostrando como o estereótipo pode ser um elemento redutor da expressão pessoal e da capacidade de comunicar através da linguagem plástica. Em muitos casos, nos cadernos predominam este tipo de elementos, conjugados com páginas de experiências de «técnica pela técnica» em que, pela escolha de cores se denota alguma expressividade e busca pela composição, lembrando Gil (2005, p. 22), que questiona «Uma reta, uma cor, uma curva, seja qual for o seu grau de abstração, não exprime algo?», referindo-se aos elementos visuais como linhas, cores e formas, que independentemente de sua abstração, têm a capacidade de expressar emoções e significados profundos.

Figura 5 — Páginas de cadernos de artista — elementos relacionados com os consumos visuais



Nível terciário ou intrínseco

Sob variadas formas também existem «autorretratos», na medida em que os estudantes, nas suas composições, e em várias formas, espelham e refletem a sua imagem e a imagem do seu mundo, da sua época e dos seus valores Canton (2001) — ver exemplos representados na Figura 6.

Figura 6 — Páginas de cadernos de artista — elementos relacionados com os consumos visuais



Globalmente, os cadernos apresentam repertórios visuais que representam os seus autores e a sua cultura, a sua «tribo», isto é, a sua identidade enquanto membros de um grupo que partilha determinados hábitos, valores, preferências musicais, pensamentos, vocabulário, redes de sociabilidade, entre outros aspetos. Ao folhear alguns cadernos, é imediata a interpretação de que representam uma «cápsula do tempo», na medida em que se constituem de narrativas pessoais e visuais em que fica evidente o significado que atribuem ao momento de ser estudante em Leiria, à família, aos amigos, aos símbolos, aos lugares, sendo estes elementos portadores de sentidos, histórias, afetos, valores simbólicos. São diversos os elementos que denunciam o consumo de imagens e uma relação com as redes sociais: símbolos de marcas, a escrita em inglês, frases que expressam rebeldia e crítica a acontecimentos do atual contexto social e cultural, composições visuais que reproduzem soluções visuais que são conhecidas das «redes» – ver exemplos representados na Figura 7.

Figura 7 — Páginas de cadernos de artista — elementos relacionados com valores simbólicos



A vasta quantidade de composições, tão diversas, mas também convergentes nos temas e nos elementos representados, revela que se cumpriu os objetivos do projeto. Os cadernos de artista são produtos da expressão e criatividade e pesquisa dos estudantes, aos quais foi dedicado tempo, esforço e dedicação.

Com este projeto, para estes estudantes, em que as oportunidades de comunicar através da linguagem plástica eram escassas, abriu-se um espaço de expressão e de desenvolvimento da sensibilidade estética. Tal como foi referido anteriormente, um espaço seguro para a experiência artística. O espaço de partilha que foi criado através de exposições e apresentações alargadas ao grupo, tornou esta experiência de formação completa do ponto de vista *hands-on*, *hearts-on*, *minds-on* e *social-on* (An et al., 2022).

Conclusão

A análise produzida permitiu também desocultar o valor formativo da proposta que foi apresentada aos estudantes. Através da mesma foi possível compreender de forma experiencial o conceito de «expressão plástica», perspetivando a importância da sua concretização no âmbito da Educação

Artística que, de forma plena, permite convidar os estudantes para a realização de atividades criativas de forma ativa como produtores, o que indica que as suas emoções, os seus conhecimentos e os seus ambientes podem ser incorporados no processo de aprendizagem (UNESCO, 2020).

Estes estudantes serão profissionais de educação e atuarão sobre o currículo da área de Artes Visuais em diversos contextos educativos. Crê-se que, com este exercício de vivência da experiência artística, em que cada um teve a experiência de viver o estímulo da expressão e da criatividade e de expandir os seus conhecimentos sobre referências artísticas e sobre linguagem visual, se ampliaram as possibilidades de compreender o que significa um processo criativo em situação de ensino e aprendizagem. A transferibilidade de exercícios com estas características para as práticas letivas concretizará de forma plena os propósitos da Educação Artística.

Agradecimento

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref.^a UIDB/05507/2020 com o identificador DOI <https://doi.org/10.54499/UIDB/05507/2020>. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (Ci&DEI) e ao Politécnico de Leiria pelo apoio prestado.

Referências bibliográficas

- AN, H., SUNG, W. & YOON, S.Y. (2022). Hands-on, Minds-on, Hearts-on, Social-on: A Collaborative Maker Project Integrating Arts in a Synchronous Online Environment for Teachers. *TechTrends*, 66, 590–606 (2022). <https://doi.org/10.1007/s11528-022-00740-x>.
- BAHIA, S. (2009). Especificidades da formação de professores de artes e de humanidades. *Sísifo Revista de Ciências da Educação*, 8, 102–111.
- BRAGA, J. (2010). Formas imagéticas e formas discursivas. *Revista Filosófica de Coimbra*, 37, 149–174.

- CADÔR, A. B. (2012). O signo infantil em livros de artista. *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, 2(3), 59–72. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48524>.
- CANTON, K. (2001). *Espelho de Artista. Auto-retrato*. Cosac Naify.
- CARDOSO, R. (2012). *Design para um mundo complexo*. Cosac Naify.
- CHARRÉU, L. (2019). A Cartografia e a Artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística. *Diacritica Revista do Centro de Estudos Humanísticos*, 33(1), 87–103. <https://doi.org/10.21814/diacritica.5042>.
- DERDYK, E. (2012). A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. *PÓS: Revista Do Programa De Pós-graduação Em Artes Da EBA/UFMG*, 2(3), 164–173.
- GIL, J. (2005). *Sem título. Escritos sobre Arte e artistas*. Relógio d'Água.
- HERNÁNDEZ, F. (2008). La investigación basada en las artes: propuestas para repensar la investigación en educación. *Educatio Siglo XXI, Revista de la Facultad de Educación de la Universidad de Murcia*, 26, 85–118.
- PANOFSKY, E. (2007). *Significado nas Artes Visuais*. Editora Perspectiva.
- PERGHER, F., RIBACKI, N.C. & SALORT, M.C. (2023). “Páginas encadernadas que contêm histórias”: do livro ao Livro de Artista na disciplina de Arte. *Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais*, 16(1), 1–18. <http://dx.doi.org/10.5902/1983734868639>.
- REGATÃO, J. P. (2020). O Livro de Artista: potencialidades pedagógicas no ensino do desenho. *Revista Estado Da Arte*, 1(2), 217–233. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57970>.
- SILVEIRA, P. (2008). *A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista*. Editora da UFRGS.
- SMITH, K. (2011). *How to Be na Explorer of the World: Portable Art Life Museum*. Penguin Books.
- UNESCO (2020). *Educação artística para a resiliência e a criatividade*. Disponível em: https://pt.unesco.org/sites/default/files/2020_art-week-technote_por_final.pdf.
- VERENOSO, M. C. (2023) Palavras e imagens em livros de artista. *PÓS: Revista Do Programa De Pós-graduação Em Artes Da EBA/UFMG*, 2(3), 82–103